

MÃO NA MASSA! A PRÁTICA DA TRADUÇÃO COLETIVA

Por Safa Jubran e Michel Sleiman*

RESUMO: Este artigo faz uma reflexão sobre a teoria e a prática que nortearam até agora as atividades do “Grupo de tradução da poesia árabe contemporânea” e do grupo de pesquisa “*Tarjama*: escola de tradutores de literatura árabe moderna”, desenvolvidos no âmbito do Curso de Letras da FFLCH-USP. O artigo reflete sobre as atividades da oficina de tradução literária como parte do processo de ensino e aprendizagem da língua e da literatura árabes. Para isso, sonda a ação pedagógica no processo de ensino e aprendizagem de língua estrangeira via a tradução individual, a tradução coletiva e a retradução.

PALAVRAS-CHAVE: Oficina de tradução; Escola de tradutores; Poesia árabe contemporânea; Literatura árabe moderna

ABSTRACT: This article reflects on the theory and practice that have hitherto guided the activities of “Translation group of contemporary Arabic poetry” and the research group “*Tarjama*: school of translators of modern Arabic literature”, developed within the scope of the Language Course of FFLCH-USP. The article reflects on the activities of the literary translation workshop as part of the process of teaching and learning Arabic language and literature. To this end, it explores the pedagogical action in the process of teaching and learning a foreign language via individual translation, collective translation and retranslation.

KEYWORDS: Translation workshop; School of translators; Contemporary Arabic poetry; Modern Arabic literature

Entre as oficinas de tradução de que trata este artigo e as primeiras oficinas que se realizaram no Brasil, impulsionadas pela reflexão pioneira de Rosemary Arrojo (1986), já decorrem décadas. A noção de ser a tradução literária, em parte, uma questão técnica que se aprende na prática e na reflexão guiadas (NEWMAN; HUSNI, 2013) levou à disseminação das oficinas de tradução nos mais diversos espaços culturais, especialmente àqueles voltados à literatura, como a Casa Guilherme de Almeida e o Espaço Haroldo de Campos de Poesia e Literatura, só para citar alguns da cidade de São Paulo, que oferecem cursos práticos sobre o fazer tradutório endossado por uma base de reflexão teórica sobre a complexidade que envolve esse ato (MILTON, 1998; BRITTO, 2012; FALEIROS, 2012). No âmbito das Universidades, os centros de estudo de línguas estrangeiras estruturados em currículos de Letras, quando se abrem às ciências da Tradução e, alternativamente, para a prática da oficina de tradução, tornam mais sensível ao aluno o vínculo estreito que se estabelece entre criação, tradução e crítica e as

* Professores de Língua e Literatura Árabe do Departamento de Letras Orientais da USP e do PPG Letras Estrangeiras e Tradução. S. Jubran coordena o grupo de pesquisa “*Tarjama*: escola de tradutores de literatura árabe moderna”; M. Sleiman coordena o “Grupo de tradução da poesia árabe contemporânea”.

CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

implicações dessas instâncias na construção da cultura (ASLANOV, 2015). A oficina gerida no ambiente universitário, onde o estudo pende para a especialização, promove ainda a oportunidade de trazer ao processo de aprendizagem e reflexão teórica da língua e da literatura em foco o eixo menos fixo das referencialidades do que sejam a língua e a literatura nacional, por exemplo, pois assentam-nas sobre a base do Outro: uma outra língua, outros sujeitos, outras realizações, outras leituras. Dito de outro modo, os códigos linguístico e literário de determinada língua estrangeira não se encerram nos limites da língua do texto literário, mas se abrem à língua e o repertório literário dos vários autores implícitos na composição e na leitura do texto, quais sejam: o autor do texto e sua língua natural em que ele escreve o texto; o autor do texto e seu repertório linguístico e literário na própria língua e na língua estrangeira que ele próprio maneja; o leitor falante natural da mesma língua do texto escrito pelo autor; o leitor estrangeiro, conhecedor de várias línguas, que lê esse texto na língua estrangeira, mas que o lê também na tradução feita na sua língua natural; e o leitor que lê o texto estrangeiro de origem traduzido à sua língua natural, única língua que conhece; e haverá outras conformações, certamente (FISH, 1980). Diante de tal complexidade que toca a leitura de um texto literário, o aluno de Letras, e mais que outros possivelmente o de línguas estrangeiras menos frequentadas no espaço da cultura onde se dá o estudo, como é o caso do aluno brasileiro que estuda a língua e a literatura árabes, a prática da tradução em situação guiada coloca-se a ele e a seu mentor como um ponto caro no processo de ensino e aprendizagem, especialmente quando sabemos que a maior parte dos alunos que se formam bacharéis e licenciados em Árabe nas duas universidades brasileiras que oferecem esse tipo de formação, a USP e a UFRJ, iniciam a carreira com poucas noções prévias desse idioma e da cultura a ele associada.

A experiência com as oficinas de tradução no Curso de Árabe da USP, levadas na última década, confirma a vocação delas no desenvolvimento de uma habilidade em específico, a de tornar o aluno um leitor crítico do objeto fonte (no caso o texto literário em árabe), medido no objeto destino (o texto literário em português) que aluno e professor meditam em relação mediada (VYGOTSKY, 2002), feita por etapas. A condição desse aluno tradutor, no final, é de ele gerar em novo texto – novo signo – o que apreendera a partir de outra realização de texto (BARTHES, 1979), ou, em termos estruturalistas, ser ele um reconfigurador do texto daquela composição, dada agora em forma redesenhada (JAKOBSON, 1960; CAMPOS, 1992). O labor diário do aluno diante do texto árabe a que vai-se familiarizando dia após dia, somado à submissão de sua leitura primeira às leituras que se compartilharão a cada encontro no espaço da oficina, alarga a compreensão de ser a tradução um translado relativamente objetivo de palavras de uma língua a outra, como ainda repercute em certos círculos a noção definida por Catford (1965) e Nida (1975). O trato na oficina evidencia o valor da subjetividade que deriva do ato da leitura crítico-criativa, que nunca é a mesma em uns e outros. Nas oficinas, professores e alunos se revezam no ato de se desvestirem as roupas bem assentadas do significado tradicional da tradução como um ato tal de “transporte” que segue o vetor da direção única: texto original/de partida → texto traduzido/de chegada. A reinvenção, neste caso, é o risco a ser assumido no ato da tradução que vai além do acordo com a fidelidade entre o tradutor e o texto que traduz:

chega à fidelidade enquanto premissa do entendimento, que não deixa de ser a premissa de boa-fé entre os sujeitos envolvidos no ato da comunicação que se pretende efetiva.

As duas oficinas que relatamos a seguir acolhem o tradutor a partir da metade do curso de Árabe. Ele é um estudante, portanto. Sua história é feita de passos dados muitas vezes no escuro, mas que, ao final de um processo, levam-no à paisagem de luz que deixa o novo poema e o novo conto às claras. É o que aconteceu nos intervalos que marcam o início de cada um dos grupos de estudos e o ponto a que chegam agora.

Grupo de Tradução da Poesia Árabe Contemporânea

Entre março de 2012 e novembro de 2013, realizei semanalmente encontros extraclasse, no período da tarde, com alguns dos alunos da Graduação. O grupo que se formou pôde fazer um estudo vertical do poema que, nas aulas da manhã, era visto na perspectiva sincrônica da Língua ou a predominantemente horizontal da História da Literatura. Os encontros evoluíram para o GTPAC, Grupo de Tradução da Poesia Árabe Contemporânea, que, em sua vocação principal, pode ser considerado uma oficina de tradução da poesia árabe para o português brasileiro. Passado esse período, o Grupo continuou seus trabalhos a distância, em etapas e localidades diferentes. Preparamos alguns artigos coletivos, concernentes a um *corpus* inicial mínimo trabalhado nos encontros presenciais, enquanto se preparava o restante das traduções, continuadas posteriormente em trabalho individualizado. As atividades da oficina ainda repercutem nas traduções e pesquisas desenvolvidas por alguns dos membros do Grupo em programas de pós-graduação¹.

Da sala de aula ao grupo de estudo

No decurso da disciplina de Língua Árabe V, ministrada no primeiro semestre de 2012, levei para leitura em sala de aula o emblemático poema “Passageiros em palavras passageiras” (*‘ābirūn fi kalāmin ‘ābir*), do poeta palestino Mahmud Darwich (1942-2008). Publicado inicialmente no diário egípcio *O sétimo dia*, o texto foi incluído pelo poeta no seu livro de crônicas também publicadas naquele jornal entre 1986 e 1988 (DARWICH, 1991). A leitura do poema colocou os alunos diante da difícil tarefa de desambiguação de sentidos, entre outras questões que perpassam o texto em específico, como as questões que caracterizam o poema moderno frente à sua tradição literária e os referenciais pessoais do poeta e de seu entorno à época da composição do poema. Quase que imediatamente às questões específicas do texto outra questão se mostrou sensível: como traduzir ao português a “letra” do poema? Isto é, como fazer do poema

¹ Alexandre F. Chareti traduziu poemas de Abu Nuwas em seu Mestrado e atualmente prepara outras traduções para o seu Doutorado; Beatriz Negreiros Gemignani traduziu poemas de Chafic Maluf; William Diego Montecinos traduziu poemas de Adonis em seu Mestrado.

árabe um “poema em português” ao leitor brasileiro, a começar ao estudante do idioma e aspirante a tradutor? A resposta, que claramente extrapola os limites da aula, motivou os encontros semanais da tarde, que nos três semestres que se seguiram constituiriam a fase presencial do GTPAC.

Contornos do objeto de estudo

De início, os encontros visavam a entender aquele poema de Darwich. Sondávamos a criação de um autor palestino do século XX, poema dado em língua e sistema literário específicos. O objeto pareceria, em princípio, circunscrito a uma geografia, sendo o texto a expressão de uma voz em particular. Mas a voz no poema é também a da coletividade linguística que o acessa, e esta extrapola os contornos geográficos de poeta e nação, porque vem expressa não na língua espontânea do poeta, o dialeto palestino, mas num árabe comum que une linguisticamente todos os países árabes, sendo a base para se alcançar a língua literária, modalidade reservada para quase toda a manifestação criativa em árabe.

A chamada *fushà*, língua que identifica majoritariamente hoje essa poesia – ao lado de outra menos prestigiosa ou do dialeto que aparece na fala de algumas personagens do romance, do teatro e do cinema (TOU’MA, 2018) – é uma das modalidades mais caras do idioma árabe (*‘arabiyya*). Modo padrão desse idioma, a *fushà* é língua escrita e oral, mas nunca da manifestação espontânea - para isso há os dialetos, que variam não só de país a país, como dentro de um mesmo país (DICKENS et al, 2002, pp. 166-168). Pode-se considerar que o árabe reserva uma historicidade própria ao conjunto literário expresso em *fushà*, e quando a literatura em tempos modernos recobrou protagonismo após a letargia de mais de quatrocentos anos sob o impacto da cultura otomana, teve de enfrentar a validade de seu tão longevo estatuto literário que remonta a finais do século V.

O legado literário dialetal continuou preterido nos países árabes, apesar de alguma reivindicação local havida em meados do século XX (PLONKA, 2006) e a despeito de ter alcançado no passado alguma posição cimeira, particularmente no espaço andaluzino descontinuado no século XV com o fim do Alandalus. Ao ressurgir revigorada a literatura árabe nos começos do século XIX, prevaleceu o referencial do árabe literário dos séculos medievais, atualizado sem descaracterizações estruturais no “árabe padrão” dos novos tempos. De certo modo, formam um mesmo corpo o árabe culto e o árabe literário, e toda a modernização que afetou a poesia e a diversidade de gêneros da prosa, ao longo do século XX até os nossos dias, é a história de uma modalidade discursiva em específico dessa língua. O árabe literário da poesia de Darwich, que pertence à segunda metade do século passado, ou o árabe da poesia de seus antepassados recentes até os mais antigos, bem como o da literatura dos dias atuais, é a história da constituição sempre viva dessa modalidade.

O espaço da modernidade

A poesia daquele Darwich fazia uma clara referência à “catástrofe” que a instauração do Estado de Israel em 1948 significava ainda aos habitantes não-judeus da Palestina nos anos 1980. O episódio é referido por aquilo que acarretou (antes e depois) a entrada/ocupação do estrangeiro no espaço da saída/desocupação do autóctone. O estrangeiro é quem entra e passa e que um dia sairá como entrara antes; o entrar no aqui-e-agora é dado pelo poeta como um movimento de transitoriedade arrostado pela voz desafiante; trata-se, portanto, de efemeridade: quem entra saiu de algum lugar, e sairá deste! Tal signo da passagem no árabe semítico se diz *‘ābir*, o “passante/passageiro/efêmero”. Dos mesmos pés dos passantes (*‘ābirūn/mārrūn*) saem palavras (*kalām*) passantes, passageiras, efêmeras. É o que assevera o poema de Darwich:

Vocês que passam com palavras efêmeras,
levem seus nomes e vão embora
tirem suas horas do nosso tempo e vão embora
roubem à vontade do azul do mar e das areias da lembrança
tirem fotos à vontade, e assim vão saber
que não hão de saber
como uma pedra da nossa terra constrói o teto do céu... (SLEIMAN, 2012)

A perda do espaço e dos elementos que dão materialidade ao espaço é dada no poema como a perda da tradição que liga o homem a sua terra, o elemento mais autóctone de quem está nela enraizado. Tal perda é recuperável pela evocação desde a distância, desde o espaço da modernidade como a entende a língua literária árabe, posta a serviço da poesia, como o necessário enfrentamento do moderno frente ao transitório: a língua da modernidade é a da tradição que, na Palestina, se perde com a conquista do espaço pelo estrangeiro usurpador. A leitura da ocupação/desocupação, feita por um semita árabe, esvazia o poema de antissemitismos de tipo eurocêntrico que esteve na base dos conflitos da Segunda Guerra, tema que esteve tomado como justificativas para as aspirações do movimento sionista que levou à instauração do Estado de Israel. O passante (*mārr*) não é o hebreu (*‘ibriyy*, “passante a cruzar o deserto”) palestino, o da terra de judeus e não-judeus, mas o que vem de fora, (re)passando, (re)tomando. O poema, sabe-se, foi recebido como afronta pelos governantes israelenses... Mas os sentidos que o poema convida a ler antecipam o tema que aparecerá devidamente emoldurado no marco da conquista-reconquista de Alandalus-Espanha, tornada emblemática no *Onze astros darwichiano*, de 1992. No futuro poema, a desocupação do espaço da casa – a roça, a vinha, o pátio contíguo, a cama, os lençóis, os copos, a poesia lida em casa, que salta do vinho para as camas talhadas em cedro e revestidas com lençóis que perfumam a casa – cede a vez, agora, ao novo ocupante, ironicamente convidado a jogar o novo desalojado no (des)território do longínquo, mas também no espaço cernido e mítico da lembrança acordada nas linhas de um poema:

CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

Na última noite nesta terra, arrancamos os dias
das pequenas árvores, e contamos as costelas que levaremos junto [...]
Tudo ficará como está, já que o lugar trocará os nossos sonhos
e trocará os nossos hóspedes [...]
Aqui, na última noite,
contemplamos as montanhas rodeadas de nuvens: a conquista... a reconquista
o tempo antigo a entregar ao tempo novo as chaves dos portões.
Entrem, senhores conquistadores, entrem nas nossas casas, bebam do vinho
das nossas doces “muachahat” [...]
O nosso chá é verde, é quente, bebam, o amendoim é fresco, comam,
as camas são verdes, a madeira é de cedro, entreguem-se ao sono
depois de tão longo cerco, durmam nas plumas dos nossos sonhos,
os lençóis estão estendidos, os perfumes esperam por vocês à porta, há muitos
espelhos, entrem, nós vamos sair de vez, e vamos depois procurar saber
como era a nossa história frente à história de vocês na longínqua terra,
vamos nos perguntar por fim: onde era o Alandalus
aqui ou lá? nesta terra ou no poema? (DARWISH, 2013)

Definição do *corpus*

Ficava claro para o Grupo que o testemunho de uma voz se dava no plano do antes e depois, numa realização síncrono-diacrônica. O poema se realiza na história de seu autor mas é também projetada na de seus leitores: o mesmo autor do novo poema é o leitor de outros que recobram sentido na leitura que deles faz, em seu tempo e lugar, o novo autor. Deve ser isso o que quer inferir a intertextualidade: que ela cruza discursos e joga o tempo móvel no círculo da sincronia; e é por esse mesmo círculo que o novo poema enceta o antigo e é por ele encetado. A partir dessas reflexões, a oficina voltou a atenção aos poetas anteriores e posteriores ao Darwich da Palestina possada. Ao mesmo tempo, o drama de que se ocupam tais poetas se inscreve num mesmo círculo de fogo sob cuja cinza outros dramas desperta a brasa dormida. Seria então possível ler a poesia contemporânea da Palestina como a poesia árabe contemporânea, e esta como a poesia da contemporaneidade, tornada evidente através de não mais que os ofícios da tradução? É esse ato que remove a cor mate que para o leitor não-árabe, não-arabista, significam os signos árabes.

À mesma época eu iniciara a leitura da *Anthology of modern Palestinian literature*, de 1992, editada pela crítica literária e insigne poeta jordaniano-palestina Salma Khadra Jayyusi, professora da Universidade da Jordânia, em Amã. A antologia é fruto dos esforços conjuntos de muitos professores, poetas e tradutores envolvidos no Project of Translation from Arabic, projeto desenvolvido sob os auspícios da Universidade de Columbia, em Nova York, desde 1980, e capitaneado pela mesma Jayyusi. A história do GTPAC e parte da movimentação das minhas aulas naqueles anos cruzam os caminhos

CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

desse livro. A partir da leitura de outra antologia da autora, voltada à poesia árabe moderna, entrei em contato com ela, manifestando o desejo de termos uma obra similar em português, ao que generosamente me dispôs o volume em árabe, editado em 1997, que reúne os originais dos poemas traduzidos e incluídos por ela na antologia da literatura palestina. Foi a partir daquele conjunto de trechos de poemas e de poemas integrais de poetas do século XX que o Grupo montou o time de poetas e poemas de que nos ocupamos nos encontros da tarde.

Dos 56 poetas elencados por aquela antologia, dez ao menos nos pareceram estabelecer um enlace mais claro de linguagens que tocam desde a natureza do verso até o campo afim das referências, em linha de continuidades e desvios da história da poesia em cujo centro destaca a voz árabe e palestina do Darwich primeiramente lido em aula. O trabalho de leitura dos novos textos, de decifração de sua potencialidade de significados poéticos, de imaginar cada poema na língua do tradutor brasileiro e propô-lo enfim em novo modo de palestinidadade/arabidade... essa era a frente de trabalhos que se desenhava ao Grupo.

Formas de trabalho

Nunca é demais lembrar que a subjetividade em um é a objetividade em outro. O lema, não-professo exatamente nesses termos, guiou o trabalho da etapa inicial, realizado de modo conjunto. Um conjunto de individualidades bem construídas. A primeira abordagem ao texto se dava em casa. É o momento de ir ao dicionário. Na mínima dúvida, apela-se a ele com a alegria que só o consulente de dicionários árabes adivinha. Aliado do tradutor, o bom dicionário abre o leque de possibilidades ao termo, porque o projeta no horizonte das possibilidades que sua respectiva raiz oferece. Não que o termo no poema necessariamente acuse polissemia pretendida pelo poeta, mas este conta com ela ao jogá-la faísca na mente predisposta do leitor. Historicamente, o termo é buscado em suas nuances, que o comentador/explicador se esforça em desenrolá-las ao neófito e buscador. É assim que a tradição de comentadores assentou seu labor desde os primórdios da civilização islâmica, construída sobre a base forte do idioma timbrado com o selo da profecia saída da tribo de Coraix. Ao retroceder o árabe literário até as bordas do Alcorão, por amarrar a fala moderna a uma família de linguagem com genealogia conhecida e reconhecível, o poeta moderno está a girar constantemente a roda da fortuna da língua corânica: a elegância do idioma ainda é motriz de poesia, porque é afinal língua poética, língua introjetada de historicidade. O poeta tem a seu favor essa muleta, cajado que faz do jovem um ancião de saberes, diria um filósofo inspirado... O levantamento do léxico é o encontro mais íntimo do tradutor de poesia com a história da palavra e com a fortuna dela na mão do autor do poema, que logo será tomada pela mão do tradutor. Aqui me refiro a esse momento como de intimidades entre os sujeitos autores do texto e o “neotexto”, o original e o traduzido. Esse também é o momento da passagem do legado. Como na corrida por revezamento, tem direito à vitória quem fez direito a passagem do

CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

bastão. Por isso, a primeira abordagem na sala de aula e na oficina de tradução é sempre a de quem aprende e se exercita, e não a do professor ou coordenador da oficina. Sem esse momento, escapa o vínculo direto da “passagem do bastão”.

O confronto das primeiras traduções terminava no quadro verde escolar e de novo no papel para depois voltar ao mesmo quadro. Cada qual lia sua proposta para o mesmo poema, e as variações estampavam-se no quadro, cedendo-se uma à outra, entre ponderações, até o final da sessão. A partir do que tínhamos no dia, levava-se o poema para casa para uma nova rodada de traduções. Nessa hora entravam em cena os pressupostos da “retradução” (MATTOS; FALEIROS, 2014), sendo a nova tradução a retomada de posição de uma das vozes que na versão anterior se deixava permear por outras vozes do coletivo. No entanto, as novas versões, mesmo nascidas na individualidade do sujeito em seu recinto, ecoavam a voz do coletivo, porque completaram sua gestação naquela voz. É o que nos dizia a nova rodada. E nessa perspectiva, as traduções em processo na oficina eram, a seu modo, a reprodução em microcosmo dos modos de produção da literatura palestina que a tradução focava: inovada em cada autor, em diferente época e, ainda assim, continuada no tempo e no espaço do fluxo multidiretivo da criação. Com a sucessão de poemas dos 10 poetas, foi-se elevando uma voz em coro, de dissonantes a concordantes, até que a soma delas na língua da tradução criou elos, de afinidades ora, e ora de estranhamentos:

Não há mares nos livros.
Pergunto por eles, não respondem
Me afastei de você
Para estar mais perto
- encontrei o tempo.
Me aproximei de você
Para estar mais longe
- encontrei os sentidos.
Você ouviu se falaram da minha morte,
Desse cálice venenoso,
Dessa morte que anseia pela morte?
Aclamaram, e a notícia se espalhou
Cruzando alegre os céus do Oeste:
Porque questionou, deram-lhe o veneno.
E você não hesitou.
Levou o cálice aos lábios
E, tomando-o, matou a todos.
Num quarto úmido,
No hotel inclinado perto da ponte,
Passei duas semanas.
Leio até a vista embaçar
Nas paredes
Papéis de veludo, retratos da família e o quadro de Monalisa,
Um amuleto, para afastar o mau-olhado

CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

E, ao lado, o diploma universitário do filho
Estrela caída na relva.
Rosa sacudida pelas ondas.
Aí está o seu coração.
De onde você veio?
E como você era? onde está? para onde vai?
De noite vesti minha roupa de festa,
Fiz a barba e cortei o cabelo.
Jantei no Copacabana
Com minha namorada e com meus amigos e suas namoradas.
Depois passeamos na orla escura
Me prenderam,
Mas meu orgulho é mais forte
Que a soberba deles.
Meu sangue rebate com mil sóis
A escuridão
Enquanto escalo os sete céus
Pelo amor que sinto por vocês,
Povo de brutais tragédias,
Sou um filho, estou em sua espinha dorsal
Como um coração,
Como uma consciência,
E como uma voz.
Nossa mão é firme, bem firme,
E a mão do opressor,
Por mais firme que seja,
Treme. (SLEIMAN et al, 91-113)

As linhas acima sequenciam versos sacados quase a esmo dos “Dez poemas da Palestina” que o GTPAC publicou na revista *Tiraz* de 2016. A dinâmica dessa vez foi outra. Os poemas tiveram minha retradução com base em retraduições anteriores feitas pelos cinco membros que assinam aquele artigo. Refletem a primeira fase dos trabalhos coletivos, gestados a partir do primeiro contato dos alunos com o texto árabe e o dicionário. Retrabalhados nos encontros sucessivos, foram depois novamente trabalhados individualmente durante o estágio deles na cidade do Cairo que durou aproximadamente um ano. Finalmente, os textos vieram para mim, que lhes somei alguma subjetividade que é, ela mesma, construção do processo da oficina.

Um terceiro passo se deu agora na preparação dos artigos a comporem este dossiê. Cada um dos quatro membros, hoje mestres quase doutores, apresenta sua leitura em tradução de sete dentre os poetas traduzidos nos dois anos de trabalho presencial da oficina. A eles os remeto nestas páginas.

Tarjama: Escola de Tradutores de Literatura Árabe Moderna

Em novembro de 2013 foi criado o grupo de pesquisa *Tarjama* (“tradução”) com a intenção de funcionar como uma escola preparatória dos estudiosos do árabe para os ofícios da tradução literária. O grupo tem mantido um fluxo continuado de alunos que, na condição de tradutores iniciantes, recebem supervisão em seus exercícios de tradução até adquirirem a condição de fazerem uma reflexão guiada sobre suas atividades. Como meta subliminar, enquanto atividade do âmbito universitário desenvolvida inicialmente com alunos da Graduação, o Grupo estabeleceu um elo entre o currículo generalista da Graduação e o processo de aperfeiçoamento e refinamento crítico e teórico que prepara o aluno para a pós-graduação. Por outro lado, dando aos interessados a oportunidade de desenvolverem as habilidades do ofício de tradutor, o Grupo espera levar o estudioso da língua árabe iniciado na tradução a integrar o mercado nacional da tradução literária ou mesmo utilizar a experiência de tradução a favor de um manejo mais seguro da bibliografia especializada nos trabalhos acadêmicos que não raro exigem do pesquisador a consulta a textos dos mais variados gêneros e graus de dificuldade. Inscrito sob minha liderança no CNPq, desde janeiro de 2014, o Grupo passou a ter também alunos em iniciação científica, Mestrado e, logo mais, Doutorado, passando a funcionar regularmente a cada duas semanas.

Acertando o passo

A primeira fase de trabalhos voltou-se para a tradução de contos de autores árabes contemporâneos. Antes de iniciarmos essa fase, contudo, e por razões didáticas, escolhi trabalharmos com micronarrativas, uma vez que os estudantes se encontravam em diversos estágios da formação regular dos cursos de Graduação e Pós-graduação. Por serem breves e apresentarem uma sintaxe mais simples serviam para cada um testar sozinho os próprios limites. Mas, como membros de um grupo deveriam tentar acertar o passo juntos, mesmo reconhecendo e respeitando as capacidades e habilidades diferentes de cada um. A escolha pela narrativa curta como ponto de partida baseou-se, ainda, no fato de que o miniconto árabe (*qiṣaṣ ṣaġīra jiddan*) constitui um microcosmo de procedimentos de linguagem que os tradutores em formação reencontrarão depois nos textos mais longos.

Nos encontros, discutiam-se as traduções propostas, pré-preparadas individualmente fora do espaço da oficina. O conjunto eram sete minicontos do argelino Issa Charit². Debatesmos os procedimentos utilizados por cada um e discutimos os resultados, até a depuração em torno de uma só versão final.

² Os sete minicontos são: “A gaiola” (*Alqafaṣ*), “Maldição” (*Alla’na*), “O macho” (*Alfaḥl*), “Sinceridade” (*Iḥlāṣ*), “Indenização”, (*Diyyah*), “Telefonema” (*Mukālama*), “Cultura” (*Ṭaqāfa*) e “Nascimento de um escritor” (*Milād kātib*) e foram recolhidos de Charit, 2020.

CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

Embora curtos e registrados inteiramente em *fushà*, variedade linguística padrão, com a qual os alunos eram familiarizados, exatamente por não constar nessas narrativas nenhum registro dialetal, vários aspectos foram motivos de debate, sendo o mais significativo a problemática do tempo verbal: qual tempo seria o mais adequado na tradução, se o árabe faz uso apenas de dois tempos ou, mais precisamente, dois aspectos verbais: o perfectivo, ou o aspecto acabado da ação verbal, e o imperfectivo, o aspecto inacabado. Veja-se, a título de demonstração, a tabela abaixo:

Conto	Tradução final	Tradução literal	Tempo da tradução	Tempo/aspecto em árabe	O verbo no contexto
A gaiola	Adil amava muito os pássaros	Adil ama muito os pássaros	Pretérito imperfeito	Imperfectivo ≈ presente do indicativo	عادل يحب العصافير كثيرا
Maldição	Ele amava a primavera	Ele amava a primavera	Pretérito imperfeito	Verbo auxiliar <i>kāna</i> + perfectivo ≈ presente do indicativo	كان يحب الربيع
Telefonema	O telefone toca	O telefone tocou	presente	Perfectivo ≈ Pretérito perfeito	رَنَ الهاتف
O Macho	Casou-se e teve filhos	Casou-se e teve filhos	Pretérito Perfeito	Perfectivo ≈ Pretérito perfeito	تزوج وأنجب

A questão da equivalência e adequação dos tempos verbais entre o árabe e o português persistiu como um tema de discussão, mostrando-se ser um dos maiores desafios para os tradutores.

Narrativas maiores

Na fase posterior dos trabalhos, lidamos com narrativas mais longas, o que exigiu mais dedicação de todos. Narrativas maiores, maiores desafios, e de toda ordem. A escolha considerou diversificar a origem dos contos, desde a autoria, homens e mulheres, até suas nacionalidades de países e continentes diferentes. A ideia era levantar eventuais particularidades decorrentes desses condicionamentos em relação ao tratamento que se dá aos temas e o estilo da narrativa, preparando já a terreno para posteriores discussões quanto à variedade cultural nos países árabes e sua manifestação na língua do conto, em particular no léxico utilizado e na interferência (quando esta houver) de formas dialetais. Os contos foram tirados das antologias *Modern Arabic short stories* (HOSNI; NEWMAN, 2008) e *A reader of Modern Arabic short stories* (HAFEZ; COBHAM 2011).

Nesta fase dos trabalhos, a preparação de cada texto exigia tempo maior e por isso os encontros presenciais ficaram mais espaçados. A comunicação nesses intervalos

CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

passou a ser feita por meio da plataforma virtual do Facebook, numa página de acesso restrito aos membros do Grupo, na qual passamos a compartilhar informações, referências, dúvidas e material digital ligado à temática da tradução do árabe ao português e outras línguas, como o inglês, o francês e o espanhol.

A dinâmica das atividades durante os encontros presenciais que se seguiram foi a seguinte: as traduções eram comparadas e, quando havia escolhas diferentes, elas eram discutidas, arguidas e defendidas. Para isso, era lembrado aos participantes que observassem a perspectiva do leitor e ao mesmo tempo tentassem imaginar a intenção do autor, observações essas já destacadas por M. Sánchez enfatizando as recomendações de G. Rabassa: que o tradutor deve ser ele mesmo um leitor, como o crítico e o estudioso; o tradutor ideal é pois um leitor ideal, muito embora admita como rara tal condição. Sánchez acrescenta que o tradutor “deve ter um segundo instinto e ser capaz de imaginar o que autor tentava dizer, pois isso poderia ser um critério para opções durante o ato tradutório” (SÁNCHEZ, 1999).

Os encontros mostraram-se cada vez mais produtivos, principalmente para mim, pois embora fosse eu quem provocava e mediava a discussão por ser a mais experiente na prática da tradução, várias questões importantes eram trazidas pelos membros do grupo, algumas das quais nunca me haviam ocorrido.

Particularmente a tradução de um dos contos exigiu de nós esforço e muita dedicação, provocando discussão quanto à congruência dos tempos verbais que buscávamos para traduzir o que a autora faz no conto ao embaralhar, propositadamente, os aspectos verbais, de modo a realçar o tempo da memória e os efeitos das ações dos fatos narrados, da perspectiva de um tempo que ora oscila a percepção das personagens no tempo que entendemos ser o Pretérito Imperfeito, ora a cerra no Pretérito Perfeito e a reabre no tempo do Presente:

Maryam *terminava* de me trançar em duas tranças os cabelos, quando levou à boca o dedo e o lambeu; então passou-o sobre as minhas sobancelhas, e *suspirava*: “Ai, essas tuas sobancelhas, cada uma para um lado...” [...] Não ri como de costume, nem Maryam *ria*, mas apanhou a echarpe de cima da cadeira e cobriu os cabelos amarrando-a depressa no pescoço. [...] Prendemos a respiração e já *saíamos* porta afora. Ao descer as escadas, *voltávamos* os olhares para a porta e então para a janela. E quando alcançamos o último degrau, começamos a correr e paramos só depois que desapareceu a ruela. Atravessamos a rua; Maryam **para** um táxi. De medo, *agíamos* idênticas. É que naquele dia *visitávamos* minha mãe pela primeira vez depois que se divorciara de meu pai (APRIGLIANO et al, 2016, p. 81)

Esse conto, “O Tapete Persa”, da libanesa Hanan Alchaikh, acabou passando por várias retraduições até chegarmos à versão publicada na revista *Tiraz*. Assim como esse, os demais contos da oficina foram trabalhados em conjunto, mas tiveram uma pessoa responsável pela versão final, em que constavam as escolhas lexicais e a impressão

CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

estilística individual do último tradutor. Essa etapa dos trabalhos pode ser considerada o momento final dos trabalhos do grupo.

Ao longo do processo, foram muitas as questões levantadas e discutidas e algumas continuam sendo motivo de angústia para os tradutores, como estas duas: 1. Como agir diante do dialeto que muitas vezes se evidencia nos diálogos, e como torná-lo presente no texto da tradução? A questão não se resolve inserindo-se, por exemplo, uma das variantes de fala local do português brasileiro, que têm sua razão de ser que em nada equivale às razões de existir o dialeto árabe nacional e regional que, em cada localidade, tem vínculos históricos com o clã de origem; e 2. Os termos religiosa e culturalmente marcados devem ser adaptados, correndo-se o risco de incorrer em apagamentos dos traços distintivos culturais do texto? Ou será melhor trazê-los transliterados ao texto da tradução, com apoio de paratextos para explicá-los, como notas de rodapé ou notas introdutórias ao texto como um todo, nas quais se descrevem as escolhas do tradutor, dando-se a ele visibilidade, de modo a destacar sua coautoria no texto já traduzido?

Questões como essas *Tarjama* reserva para a etapa atual dos trabalhos na qual alguns membros ensaiam suas experiências até agora nos ofícios da tradução, questões relacionadas com a tradução enquanto projeto político, em que temas como identidade, finalidades e funções têm vindo à tona nos debates da Oficina. Isto tem preparado o caminho que esperamos desenvolver através da leitura e discussão de textos teóricos sobre a tradução. *Tarjama*, assim, terá invertido o curso convencional de seus propósitos iniciais: voltaria à prática da tradução quando posta à prova a reflexão.

Referências bibliográficas

- APRIGLIANO, A. et al. “O tapete persa”. *Tiraz*. São Paulo, n. 8, ano VIII, p. 81-89, 2016.
- ARROJO, R. *Oficina de tradução: a teoria na prática*. São Paulo: Ática, 1986.
- ASLANOV, C. *A tradução como manipulação*. São Paulo: Perspectiva; Casa Guilherme de Almeida. 2015
- BARTHES, R. “From Work to Text”. *Textual strategies: perspectives in Post-Structuralist Criticism*, edited by J.V. Harari, Ithaca, New York: Cornell University Press, 1979, p. 73–81. *JSTOR*, <www.jstor.org/stable/10.7591/j.ctvr7f6kr.5>. Accessed 26 July 2020.
- BRITTO, P. H. *A tradução literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- CAMPOS, H. de. “Da tradução como criação e como crítica”. In: CAMPOS, H. *Metalinguagem e outras metas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- CATFORD, J. C. *Uma teoria linguística da tradução*. São Paulo: Cultrix, 1980.
- CHARIT, I. *qişaş şağıra jiddan*, em *Diwan alarab*, 2020. <<https://www.diwanalarab.com/spip.php?page=recherche&recherche=%D9%82%D8%B5%D8%B5-%D9%82%D8%B5%D9%8A%D8%B1%D8%A9-%D8%AC%D8%AF%D8%A7>> último acesso 26/07/2020.
- DARWICH, M. *‘Ābirun fi kalāmin ‘ābir*. Casablanca: Dār Tūbāl, 1991.

CRIAÇÃO & CRÍTICA
ESPECIAL

- DARWISH, M. “Onze astros incidindo na última cena andaluzina”. Trad. M. Sleiman e S. Jubran. *Zunái, revista de poesia e debates*, ed. XXVI, 2013: <http://www.revistazunai.com/editorial/23ed_mahmouddarwish.htm>, acessado em 26/07/2020.
- DICKENS, J. et al. *Thinking Arabic translation. A course in translation method Arabic to English*. Abingdon: Routledge, 2002.
- FALEIROS, Á. *Traduzir o poema*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.
- FISH, S. *Is there a text in this class? The authority of interpretive communities*. Cambridge: Harvard University Press, 1980.
- HAFEZ, S.; COBHAM, C. *A reader of modern Arabic short stories*. London: Saqi, 2011.
- HOSNI, R.; NEWMAN, D. *Modern Arabic short stories. A bilingual reader*. London: Saqi, 2008.
- JAKOBSON, R.. Aspectos linguísticos da tradução. *Linguística e comunicação*. Trad. I. Blikstein e J. P. Paes, São Paulo: Cultrix, 1960, pp. 63-72.
- MATTOS, T; FALEIROS, Á. “A noção de retradução nos estudos da tradução: um percurso teórico”. *Letras raras*, v.3.2, 2014.
- MILTON, J. *Tradução: teoria e prática*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- NEWMAN, D.L; HUSNI, R. *A-Z of the Arabic-English-Arabic translation*, London: Saqi, 2013.
- NIDA, E. *Language structure and translation*. California: Stanford University Press, 1975.
- PLONKA, A. “Le nationalisme linguistique au Liban autour de Sa‘īd ‘Aql et l’idée de langue libanaise dans la revue ‘Lebnaan’ en nouvel alphabet”. *Arabica*, vol. 53, no. 4, 2006, pp. 423–471. *JSTOR*, www.jstor.org/stable/4057644. Acessado em 27/07/2020.
- SÁNCHEZ, M.T. “Translation as a(n) (im)possible task”, em *Babel*, 45:4 (1999), 301–310. DOI 10.1075/babel.45.4.03san.
- SLEIMAN, M. “Mahmoud Darwish, poesia pela Palestina”, São Paulo: Instituto da Cultura Árabe, 14/05/2012: <<https://icarabe.org/literatura/mahmoud-darwish-poesia-pela-palestina>>. Acessado em 25/07/2020.
- SLEIMAN, M. et al. “Dez poemas da Palestina”. *Tiraz*. São Paulo, n. 8, ano VIII, p. 91-113, 2016.
- TOU‘MA, S. J. “A língua dialetal e seu uso na obra literária” (*alluga al‘āmmiyya wa-isti‘māluha fī al‘amal al‘adabī*). *Annaqd al‘arabi*, 02/10/2018, acessado em 27/07/2020 em <<https://www.alnaked-aliraqi.net/article/56815.php>>.
- VYGOTSKY, L.S. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

Recebido em: 06/08/2020

Aceito em: 06/08/2020

Referência eletrônica: JUBRAN, Safa; SLEIMAN, Michel. Mão na massa! A prática da tradução coletiva. *Criação & Crítica*, p., ago. 2020. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/criacaoecritica>>. Acesso em: dd mmm. aaaa.